

LGBTQIAPN+ Transfobia: Os violentos laços do mundo com o eu trans**

*Dos genitais amputados de Urano nasceu Afrodite, a deusa do amor...
o que poderia sugerir que o amor vem da desconexão
entre os órgãos genitais e o corpo,
do deslocamento e da exteriorização da força genital.*
Preciado, 2019

Estamos em guerra: uma guerra na Europa, que está mobilizando o mundo todo, seja pela ameaça nuclear, seja porque ocorre com países ricos, seja porque ameaça a economia mundial e brasileira, seja pela disputa do poder mundial. Por outro lado, convivemos com uma série de guerras em outras regiões do mundo que não recebem maiores destaques, mesmo acarretando uma grande destruição e deixando milhões de refugiados. Da mesma maneira, sem expressivas comoções estamos em guerra aqui mesmo em nosso país. Uma guerra disfarçada, escondida, negada, mas extremamente violenta. Estamos presenciando um verdadeiro genocídio contra a população negra, contra os povos originários, os indígenas, e contra a diversidade sexual e de gênero. São muitas as vozes que protestam contra a guerra na Europa, mas poucas as que se manifestam aqui nas nossas cruéis guerras locais.

Saliento aqui a guerra contra as pessoas não binárias, destacando como “os laços do mundo com o eu” dessas pessoas são cruéis,

violentos, assassinos e visam a sua aniquilação, ou seja, sua desapareção, mas também friso como essa população diversa consegue se organizar e se defender.

A violência contra a população trans, a transfobia, engloba diferentes graus de intensidade de agressão, culminando com o assassinato sistemático e frequente de pessoas transgênero, particularmente, no Brasil, o país que mata mais transexuais em todo o mundo, ao mesmo tempo em que é o país que mais consome pornografia trans.

Lembro-me de uma situação clínica em que fui procurado por um paciente há cerca de um ano, em plena pandemia. Quando nos conectamos pelo vídeo, vejo um rapaz de dezenove anos de idade, com um rabo de cavalo, com o nome João na tela. Explica que está ali por exigência de seus pais, para tentar se curar comigo de seus desejos de ser mulher. Fica bastante atento às minhas perguntas e intervenções, noto que vai se tranquilizando e podendo me contar a história de seus desejos. Na sessão seguinte, surpreendo-me quando no vídeo-vejo um rapaz com os cabelos crespos soltos, com uma aparência bastante feminina e com o nome de Maria na sua tela. Explica que não sabia como eu ia tratá-lo na primeira

sessão, então se “cuidou”, mas viu que poderia falar comigo de sua transição para mulher. Estava com muitos conflitos com sua família que não aceitava sua transformação.

Sua atitude de cautela comigo, antes de se mostrar como mulher, foi perfeitamente compreensível em função dos violentos ataques que essa população sofre por parte de suas famílias, da sociedade e dos profissionais de saúde, incluindo os psicanalistas. Tudo isso está cada vez mais bem ilustrado pela mídia e pela cultura, através de livros, filmes, séries, depoimentos etc., cada vez mais em evidência.

Um bom exemplo disto é o excelente livro *O parque das irmãs magníficas* de Camila Sosa Villada (2019/2021), um romance autobiográfico que se passa em Córdoba, na Argentina. Camila descreve sua infância, sua transição para travesti, com todas as dificuldades que isso acarretava, bem como a necessidade de deixar de ser travesti para frequentar a Faculdade de Comunicação Social e Teatro, em Córdoba. O livro descreve as incontáveis dificuldades e violências sofridas pelas travestis, chegando mesmo ao assassinato. Violência essa que inicia em sua família, em suas palavras:

O medo tingia tudo, em minha casa. Não dependia do clima nem de uma circunstância em particular: o medo era o pai. Não teve polícia nem clientes nem crueldades que me atemorizaram mais que meu pai. Em honra à verdade, acredito que ele também sentia um medo pavoroso de mim. É possível que aí seja gestado o pranto das travestis: no terror mútuo entre o seu pai e sua cria travesti. A ferida se abre ao mundo, e as travestis choram. (p. 56)

Por outro lado, Camila também descreve uma cena do livro em que uma das travestis mais velhas, “Tia Encarna”, assume o papel de mãe e passa a cuidar delas. Inclusive, isso aparece bem representado quando Tia Encarna resolve cuidar de um bebê abandonado no parque para morrer. No entanto, esse cuidado de Tia Encarna não é suficiente e a pressão

da sociedade patriarcal, cada vez mais feroz em relação a elas, acaba por fazer as travestis abandonarem o parque e Tia Encarna decidir morrer com o bebê.

Na série televisiva *Pose*, ambientada nas décadas de oitenta e noventa, com a população LGBTQIA+ e latino-americana da cidade de Nova Iorque, aparece claramente como os jovens homossexuais e transgêneros foram maltratados por suas famílias, na maioria dos casos expulsos de casa pelos pais, mesmo sendo adolescentes. A série consiste no relato de uma rede de famílias conhecidas como “casas”, nas quais sempre existe uma mãe que cuida dessas pessoas abandonadas e rejeitadas que agora estão se prostituindo, traficando drogas, roubando ou pedindo esmolas. Novamente a violência contra essa população aparece com crueldade, chegando também ao assassinato.

Fica evidente nessas ilustrações a enorme transfobia em que estamos inseridos. Também se constata como “novas famílias” podem criar redes de sustentação para essas pessoas tão atacadas.

Voltando à clínica psicanalítica, lembro Sofia Favero (2020), psicóloga trans:

Como podemos lidar com situações onde não parece existir espaço para uma terapêutica individual? Quando o racismo, a transfobia e a gordofobia permanecem operando dores, muitas vezes, irreparáveis. Cinquenta minutos é muito pouco se comparados a trajetórias de vida entendendo que está errado, que está indesejado, que está desviado. Uma vida criada para não ser vivida. (p. 86)

A crítica principal que os antropólogos, sociólogos e outros pensadores fazem à psicanálise é o fato de as teorias psicanalíticas terem se mantido normativas, particularmente heteronormativas em relação à sexualidade. A partir dos anos sessenta, com o movimento feminista e a liberação sexual na cultura ocidental, começou uma abertura em relação à sexualidade. Muitos pensadores passaram a

* Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

** Este trabalho é uma versão modificada do texto apresentado no Congresso da Federação Brasileira de Psicanálise, em março de 2022.

questionar a ideia de uma identidade sexual estável e universalizante. Crítica esta que foi se ampliando a partir da década de oitenta com os estudos *queer*, mas que só mais recentemente tem sido sendo incorporada às nossas teorias.

Minha impressão é a de que a psicanálise não acompanhou esta mudança na maneira de entender a sexualidade. Ao seguirem com sua tendência normativa, acabaram por fechar as fronteiras para a diversidade sexual, tanto na teoria quanto na prática analítica com seus pacientes.

Em seu trabalho, “Transfobias psicanalíticas”, José Stona e Andrea Ferrari (2020) destacam como os analistas ainda têm percepções estereotipadas, negativas e até discriminatórias em relação às pessoas trans, patologizando todo esse grupo. O título parafraseia trabalho anterior de Quinet (2016), chamado “Homofobias psicanalíticas na psicologização do Édipo”. Os autores mostram como a literatura psicanalítica, principalmente em Freud, Lacan e seguidores, patologizam a transexualidade, considerando-a perversão, psicose e, mais recentemente, imaturidade. Não é o caso de fazer um cancelamento dos autores, como diz Alberto Cabral (2022), mas de fazer uma leitura menos religiosa e repetitiva para desconstruir e reconstruir novas hipóteses mais adequadas ao tempo em que vivemos. Freud foi genial ao perceber o inconsciente e a sexualidade infantil, mas se equivocou ao colocar esses achados como universais e não como achados de sua época, naquele local, o centro da Europa (Moreno, 2014).

Como descreve Julio Moreno (2014), não podemos encarar a sexualidade como a motivação inconsciente de todo ato humano, uma espécie de emanção da carne à qual se opõe o simbólico e a cultura por meio da repressão. A sexualidade emerge da interação do corpo com a regulamentação social de sua época. Aparece conforme a trama social em que vivemos. Não que primeiro apareça o desejo, depois a cultura e a



View of the exhibition Sophie Calle "Rachel, Monique" at The Episcopal Church of the Heavenly Rest, New York, May 9 – June 25, 2014. Photographer: Guillaume Zicarelli
© Sophie Calle / ADAGP, Paris 2023. Courtesy Perrotin

lei, mas elas se apresentam ao mesmo tempo, em uma trama inseparável.

Tanto os analistas como as instituições psicanalíticas persistem em uma ambivalência em relação a normatizar a sexualidade em oposição a uma visão mais singular e específica de cada pessoa. Ainda não parece haver analistas transgêneros nas nossas instituições no Brasil e só recentemente foram aceitos candidatos declaradamente homossexuais para a formação analítica, e mesmo assim há certa ambivalência em relação a eles.

No livro *Pajubá-terapia* de Sofia Favero (2020) encontramos que “abrir mão da narrativa psicopatológica não é um processo fácil, pontual e específico” (p. 15). Ao contrário, é um movimento constante para evitar teorias normativas e hegemônicas, que marginalizam as experiências sexuais e de gênero diversas.

Pajubá, originalmente, é um dialeto que mesclava o português com uma série de línguas africanas, muito usado pelos praticantes das religiões afro-brasileiras; posteriormente foi adotado pela comunidade LGBTQIA+. Essa ideia de uma terapia pajubá estaria baseada na escuta da singularidade não normatizada dessa população. Seria uma escuta de toda a dor e miséria dessas pessoas, mas também de suas sensibilidades e qualidades. Como diz Favero (2020): “Há uma dimensão do amor, do afeto, do desejo e de vida que não pode ser perdida de vista, ainda mais em um processo terapêutico” (p. 22).

Pelas características da linguagem Pajubá, nota-se que no Brasil as religiões de matriz africana sempre favoreceram o acolhimento da população LGBTQIA+, como as famílias e as redes de sustentação do livro das irmãs magníficas e do seriado Pose que descrevi acima.

A questão importante é que os analistas trataram essas pessoas e o que suas famílias haviam feito por meio da transfobia. Felizmente isso está mudando e já se percebe uma nova psicanálise, como diz Patrícia Porchat (2014), em muitos locais, como nessa nossa discussão

ou mesmo na Associação Psicanalítica Internacional (IPA, por suas siglas em inglês) que criou um grupo de estudos para gênero e diversidade sexual.

Gostaria de concluir enfatizando que é necessário nos prepararmos para superar a resistência, corporificada em nossa geração, que essas pessoas nos despertam para nos aproximarmos efetivamente do ser humano específico e único que procura nossa ajuda. Acreditávamos ter uma identidade de gênero ancorada em estruturas psíquicas estáveis e permanentes ao longo da vida. Seremos capazes desse encontro emocional com instabilidades tão marcantes? Só podemos nos comprometer com a prática analítica dentro da ética de nossos limites.

Referências

- Cabral, A. (2022). *Los estereotipos de género del analista y su incidencia en la dirección de la cura*. *Calibán*, 20(2), 62.
- Favero, S. (2020). *Pajubá-terapia: Ensaio sobre a cisnorma*. Nemesys.
- Moreno, J. (2014). *La infancia y sus bordes*. Paidós.
- Porchat, P. (2014). A transexualidade hoje: Questões para pensar o corpo e o gênero na psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 48(4), 115-124.
- Preciado, P. B. (2019). *Um apartamento em Urano*. Zahar.
- Quinet, A. (2016). Homofobias psicanalíticas na psicologização do Édipo. *Stylus*, 33, 191-199.
- Sosa Villada, C. (2021). *O parque das irmãs magníficas*. Tusquets. (Trabalho original publicado em 2019).
- Stona, J. e Ferrari, A. G. (2020). Transfobias psicanalíticas. *Revista Subjetividades*, 20(1). <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/e9778/pdf>